

Mais um bom sinal para a economia

Nas últimas semanas, conforme devem ter percebido nossos leitores, temo-nos esforçado no sentido de detectar sinais que nos permitam avaliar os rumos da economia brasileira no próximo ano. Essa tentativa tem sua razão de ser. Como todos sabemos, na aproximação de um ano de eleições majoritárias, em geral desencadeia-se, entre o empresariado, uma tendência de encará-lo como uma travessia difícil e pouco promissora para os negócios. E essa postura tem, por sua vez, a consequência de postergar decisões de investimentos, adiar iniciativas, acabando por trazer certa inibição da atividade que resulta mais de atitudes psicológicas do que de fatos concretos da vida econômica.

Pensamos que, com a estabilidade monetária que cada vez se consolida mais e a vida política nacional inserida numa rotina na qual as eleições são fatos perfeitamente corriqueiros, essa preocupação com o ano eleitoral deveria ser substituída por uma atitude mais objetiva, baseada no fato de que a economia, como acontece nos países desenvolvidos, precisa seguir o seu curso, a despeito de qualquer campanha eleitoral.

Os diversos sinais que pudemos captar até agora mostram que o próximo ano será de grandes investimentos, de dinamização de muitas atividades, de redução dos índices de desemprego e de continuidade de queda da inflação, além de maior estabilidade no mercado consumidor, já ajustado aos padrões de moeda estável, sem os solavancos do período inicial.

Em nossa edição de ontem havia mais um desses sinais em favor de uma economia mais dinâmica no próximo ano, apesar do calendário eleitoral. Referimo-nos às previsões de safra agrícola, pelas quais a produção de grãos poderá superar 80 milhões de toneladas, com especial destaque para o caso da soja.

Evidentemente, quando se fala de previsões para a agricultura, é sempre necessário levar em conta o principal “insumo” da produção, ou seja, o regime

**As previsões
para a safra
do próximo
ano também
trazem boas
perspectivas**

de chuvas, que nunca está sob controle de qualquer planejamento ou intenção humana. Mas os indicadores que estão sob controle humano têm sido todos positivos. E não são de origem governamental.

Assim, Ivan Wedekin, de uma consultoria especializada em análises para o setor de agribusiness, confirma que a produção de grãos deverá superar os 80 milhões de toneladas. Estimativa semelhante parte de Amílcar Gramacho, que é coordenador técnico da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Também o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Cesar Borges de Souza, aposta no crescimento da safra.

As previsões de maior produção alicerçam-se no esperado aumento da renda agrícola, que estará sendo ajudado não só pela melhoria de preços interna-

cionais como também pela retirada do ICMS das exportações de produtos agrícolas e pelo equacionamento do problema das dívidas rurais, securitizadas.

Corroborando essas estimativas, temos os dados de faturamento e vendas de insumos e equipamentos para a próxima safra. As empresas de ração animal esperam faturar US\$ 5,3 bilhões, com aumento de 8% sobre o período anterior, como informa o secretário-executivo do sindicato do setor, João Prior. As vendas de defensivos poderão ser 17,6% maiores, alcançando cerca de US\$ 2 bilhões, de acordo com a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), na palavra de seu presidente, Cristiano Simon. As vendas de adubo no primeiro semestre superaram em 18% as do ano passado, diz Carlos Alberto da Silva, diretor da Associação Nacional para a Difusão de Adubos (Anda). As vendas de máquinas e equipamentos poderão crescer 40% e as de colheitadeiras mais de 70%, segundo a Anfavea, partindo naturalmente de um patamar baixo, como foi o do ano passado, mas representando recuperação do setor.

São prognósticos que dependerão da meteorologia para se confirmar, mas de qualquer forma indicam, desde já, que a agricultura se prepara para uma safra ampliada e um ano positivo, cujos efeitos, como se sabe, disseminam-se por toda a economia, de maneira mais ampla e mais rápida do que no caso de investimentos industriais. E partem de pessoas e entidades intimamente ligadas à atividade do setor agrícola. ■